

DONA ROSITA, A SOLTEIRA

OU

A LINGUAGEM DAS FLORES

FEDERICO GARCIA LORCA

PERSONAGENS

DONA ROSITA

A AMA

A TIA

1ª MANOLA

2ª MANOLA

3ª MANOLA

1ª SOLTEIRONA

2ª SOLTEIRONA

3ª SOLTEIRONA

MÃE DAS SOLTEIRONAS

1ª AYOLA

2ª AYOLA

O TIO

O SOBRINHO

O CATEDRÁTICO DE ECONOMIA

DOM MARTIN

O RAPAZ

DOIS CARREGADORES

UMA VOZ

PRIMEIRO ATO

Cômodo abrindo para uma estufa.

TIO

E minhas sementes?

AMA

Estavam aí.

TIO

Pois não estão mais.

TIA

Heléboro, brinco-de-princesa, crisântemos, Luís Passy arroxeadas, altair branca e prateada, com pontas cor de heliotrópio. . .

TIO

Vocês precisam cuidar das flores!

AMA

Se o senhor está dizendo isso por minha causa. . .

TIA

Cale a boca. Não responda.

TIO

Estou dizendo para todos. Ontem encontrei as sementes da dália pisadas no chão (*Entra na estufa.*) – Vocês não fazem idéia do que é minha estufa. Desde 1807, quando a condessa de Wandes obteve a rosa musguenta, nenhuma pessoa mais em Granada conseguiu outra, a não ser eu. Nem o botânico da Universidade! É preciso que vocês tenham mais respeito a minhas plantas!

AMA

Pois então eu falto com o respeito a elas?!

TIA

Silêncio! Dos dois, não sei qual o pior.

AMA

Está bem. Mas não sou eu quem diz que de tanto regar as flores, e com tanta água pelos quatro cantos, acaba pulando sapo no sofá!

TIA

Mas na hora de cheirá-las, você gosta bem, não é?

AMA

Eu, não senhora. Para mim, flor cheira a menino morto, freira no convento, altar de igreja. . . Cheira a coisa triste. Eu sou capaz de trocar todas as rosas deste mundo por uma boa laranja ou um marmelo bem maduro. Mas aqui nesta casa. . . é rosa pela direita, alfavaca pela esquerda, e tome petúnias e anêmonas e salvas, e essas flores que estão na moda, esses tais de crisântemos, despenteados que nem cabeleira de cigano! Ah, que vontade eu sinto de ver plantados neste jardim uma cerejeira, um caquiseiro, uma boa pereira!

TIA

Para a senhora comer, não é?

AMA

Ué, quem tem boca. . . Como diziam na minha terra:

Boca serve é pra comer,

perna serve é pra dançar,

e há uma coisa da mulher. . .

(Interrompe-se e chega para perto da Tia, falando-lhe ao ouvido.)

TIA

Jesus! *(Faz o sinal-da-cruz.)*

AMA

São bobagens de lugar pequeno. . .

(Também faz o sinal-da-cruz.)

ROSITA

(Entrando rapidamente, com um vestido cor de rosa a 1900, de mangas de presunto e cheio de fitas.) – E meu chapéu? Onde está meu chapéu? Já deram as trinta badaladas em São Luís!

AMA

Botei em cima da mesa.

ROSITA

Pois não está lá, não. (*Procuram.*)

(*Sai a Ama.*)

TIA

Você olhou no armário?

(*Sai a Tia.*)

AMA

(*Entrando.*) – Não encontrei, não.

ROSITA

Será possível que ninguém saiba onde está meu chapéu?

AMA

Bote aquele azul, com margaridas.

ROSITA

Você está louca?

AMA

Mais louca anda você.

TIA

(*Voltando.*) – Pronto, olhe ele aqui.

(*Rosita pega o chapéu e sai correndo.*)

AMA

Essa menina quer tudo voando. Hoje, ele já está querendo que seja depois de amanhã! Solta as asas e ninguém pode pegá-la. Quando ela era pequenina, eu tinha de lhe contar todo santo dia a história de quando ela fosse velha: “Minha Rosita já está com oitenta anos. . .” E assim tudo mais. Quando foi que a senhora viu Rosita sentada, fazendo encaixe de lançadeira, fazendo *frivolité* ou *festonné*, desfiando a linha para bordar um corpete?

TIA

Nunca.

AMA

Até parece que tem bicho-carpinteiro!

TIA

Quem sabe se você não está enganada?

AMA

Se eu me enganasse, a senhora não teria ouvido nada de novo.

TIA

É verdade que eu jamais quis contrariar Rosita. Quem teria coragem de afligir uma menina que não tem pai nem mãe?

AMA

Nem pai nem mãe nem sino que toque tantantan, mas que tem um tio e uma tia que valem um tesouro! (*Abraça a Tia.*)

TIO

(*Lá dentro.*) – Isto é o cúmulo!

TIA

Maria Santíssima!

TIO

Pisarem minhas sementes, vá lá, mas o pé de rosa de que eu gosto mais, com as folhinhas quebradas, isso também não! A rosa de que eu gosto mais ainda do que da musguenta, da peluda, da pomponiana, da damascena, do que da própria rosa selvagem da Rainha Isabel! (*À Tia.*) – Venha, venha aqui e veja .

TIA

O pé está partido?

TIO

Não, não lhe aconteceu nada demais, mas podia ter acontecido

AMA

Ah, que susto!

TIO

Eu gostaria de saber: quem foi que derrubou esse vaso?

AMA

Não me olhe assim desse jeito!

TIO

Fui eu, então?

AMA

E não há gatos, e não há cachorros, e não há golpes de vento que entram pela janela?

TIA

Ande, vá varrer a estufa.

AMA

Puxa, mas nesta casa não se deixa nem uma pessoa falar!

TIO

(Entrando.) – É uma rosa que você nunca viu em sua vida! Uma surpresa que eu lhe preparei. É incrível! Você conhece, não é? A “rosa declinata”, de capulhos caídos. . . E a “rosa inermis”, que não tem espinhos, hein? Que maravilha! Nem um espinhozinho! E a “mirtifolia”, que veio da Bélgica? E a “sulfurata”, que brilha na escuridão? Pois esta aqui vence a todas pela raridade! Os botânicos lhe deram o nome de “rosa mutabilis”, quer dizer, volúvel, que vive mudando de cor. . . Aqui neste livro tem a descrição e a figura, olhe só! Abre o livro.) – De manhã ela é vermelha, à tarde fica branca, e à noite se desfolha. . .

De manhã cedo, ao abrir-se,

rubra como sangue está.

O orvalho não se aproxima,

tem medo de se queimar.

Aberta no meio-dia,

é forte que nem coral.

O sol chega até os vidros

para vê-la relumear.

Quando nos ramos começam

passarinhos a cantar

e já desfalece a tarde

sobre as violetas do mar,

torna-se branca, do branco

de um rosto feito de sal.

Quando a noite vem soprando

alva trompa de metal,

quando as estrelas avançam,

e os ventos vão recuar,

no limite da escuridão

principia a desfolhar-se. . .

TIA

Já deu flor?

TIO

Deu uma, que está desabrochando.

TIA

Dura um só dia?

TIO

Um só. Mas esse dia, eu quero passar junto dela, para ver como embranquece.

ROSITA

(Entrando.) – Minha sombrinha!

TIO

A sombrinha dela.

TIA

(Gritando.) – A sombrinha!

AMA

(Aparecendo.) – Está aqui a sombrinha!

(Rosita pega a sombrinha e beija os tios.)

ROSITA

Que tal?

TIO

Um primor.

TIA

Não há outra igual!

ROSITA

(Abrindo a sombrinha.) – E agora?

AMA

Pelo amor de Deus, feche essa sombrinha! Não se faz isso dentro de casa, dá azar!

Pela roda de São Bartolomeu!

Pela varinha de São José!

Pelo santo ramo de louro,

vai-te embora, capeta,
pelas quatro esquinas de Jerusalém!
(*Todos riem. Sai o Tio.*)

ROSITA

(*Fechando a sombrinha.*) – Pronto!

AMA

Não faça mais isto! Caar. . . amba!

ROSITA

Ui!

TIA

Que é que você está dizendo?

AMA

Não acabei de dizer, não senhora!

ROSITA

(*Saindo, às gargalhadas.*) – Até logo, até logo!

TIA

Com quem é que você vai?

ROSITA

(*Com a cabeça aparecendo.*) – Com as manolas.

AMA

E com o noivo.

TIA

Mas ele não estava ocupado?

AMA

Não sei qual dos dois me agrada mais, ela ou ele. (*Senta-se a Tia, e começa a fazer renda de bilro.*) – Um par de priminhos desses que a gente tem vontade de colocar na prateleira de doces, e se um dia eles morressem (Deus me livre!), embalsamar e botar numa redoma de cristal e neve. . . De qual deles a senhora gosta mais? (*Põe-se a limpar.*)

TIA

Gosto de todos dois, como sobrinhos.

AMA

Dela pelos bonitos olhos, dele pelos olhos bonitos. . .

TIA

Rosita foi criada por mim. . .

AMA

É exato. Mas eu é que não acredito nessa história de sangue. Para mim isso é amor. O sangue corre dentro das veias, mas não se vê. A gente gosta mais de um primo em segundo grau que está aí todos os dias, do que de um irmão que mora longe. Porque será, não sei.

TIA

Mulher, continue limpando!

AMA

Já vou. Nesta casa não deixam nem a gente abrir a boca! Vá uma pessoa criar para isto uma menina bonita. Deixar seus filhinhos num casebre, tremendo de fome. . .

TIA

Não será de frio?

AMA

Tremendo de tudo, para um dia alguém lhe dizer: “Cale a boca!” Eu, como sou uma criada, não posso fazer outra coisa senão me calar, e é o que eu faço. Não posso responder e dizer. . .

TIA

Dizer o quê?

AMA

Que a senhora pare com esses tiquitis desses bilros, senão minha cabeça vai estourar de tanto tiquiti!

TIA

(Rindo.) – Vá ver quem está chegando aí.

(Silêncio, durante o qual se ouve o bater dos bilros.)

VOZ

Macelaaaaa finaadaa da serraaaa!

TIA

(Falando sozinha.) – Carece comprar macela outra vez. Há ocasiões em que falta. . . Outro dia eu compro. Trinta e sete, trinta e oito. . .

VOZ DO VENDEDOR

(*Longe*) - Macelaaaa finaana da serraaaa!

TIA

(*Colocando um alfinete.*) – E quarenta.

SOBRINHO

(*Entrando.*) – Titia!

TIA

(*Sem olhar para ele.*) – Olá! Não quer sentar? Rosita já foi.

SOBRINHO

Foi com quem?

TIA

Com as manolas. (*Pausa. Olhando para o Sobrinho.*) – Há alguma coisa com vocês?

SOBRINHO

Há, sim senhora.

TIA

(*Inquieta.*) – Estou quase adivinhando. Tomara que eu me engane!

SOBRINHO

Não. A senhora leia.

TIA

(*Lê.*) – Aí está, era de se prever. Por isso é que eu fui contra o seu namoro com Rosita. Eu sabia que mais cedo ou mais tarde você teria de ir embora com seus pais. Ora, ali pertinho! São quarenta dias de viagem, daqui a Tucumã. Se eu fosse homem e moço te daria uma bofetada!

SOBRINHO

Não tenho culpa de gostar de minha prima. A senhora pensa que eu vou satisfeito? Pelo contrário, quero ficar aqui, e venho para isso.

TIA

Ficar?! Ficar?! Seu dever é ir-se embora. São muitos alqueires de terra, seu pai está velho. Tenho de obrigar você a tomar o vapor. Mas você me deixa a vida amargurada. Quanto à tua prima, nem quero falar. Você vai cravar uma flecha com laço de fita roxa no coração dela. . . Agora ela ficará sabendo que os panos não servem só para fazer flores, servem também para enxugar lágrimas!

SOBRINHO

Então, que é que a senhora me aconselha?

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

